



# Gaiato

12 DE JUNHO DE 1971  
ANO XXVIII — N.º 711 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## O NOSSO JORNAL

**T**AMBÉM este ano o prégamos na nossa Capela no Dia Mundial das Comunicações Sociais. Aliás é preciso chamar os de dentro à consciência da responsabilidade que «O Gaiato» representa para a Obra e todos os obreiros na medida da sua penetração extra-muros! Mas o tema escolhido pelo Papa não nos consentia o silêncio: **Os meios de comunicação social, ao serviço da unidade dos homens.**

De resto, este tema, tão caro a Paulo VI como à Igreja de todos os tempos, tem íntimo nexos com a proposta para o Dia Mundial da Paz: **Cada homem é meu irmão.**

«Será utopia conceber o projecto de uma família humana universal, em que cada homem seja um cidadão fraterno?» — perguntou o Papa.

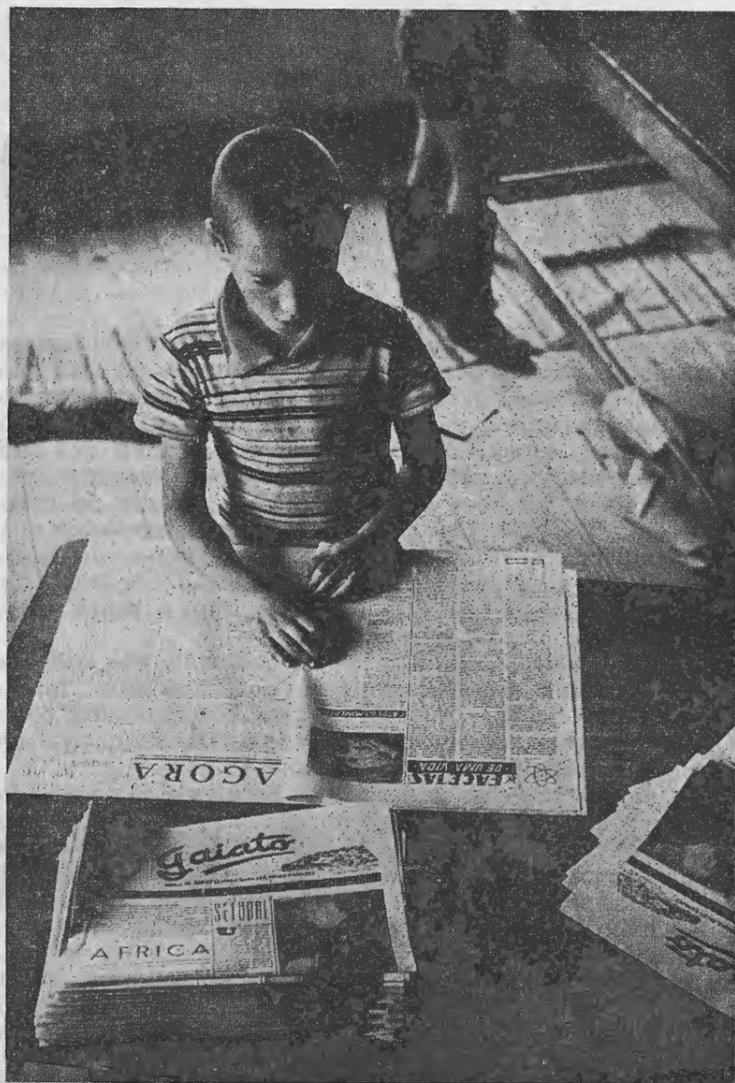
Ora, é a esta pergunta, que, apesar da nossa pequenez, nós podemos responder com muita decisão, fundada em longa experiência da «solidariedade que liga os homens», mais «na vida quotidiana» do que «nos momentos excepcionais»: — Não é. Com certeza que neste mundo nunca a «família humana universal» será perfeita, imaculadamente una, como o não são geralmente as famílias humanas mais restritas, que os laços da carne e do sangue estabelecem. Mas pode tender-se

— deve, portanto! — para «a unidade da família humana promovida com mais eficiência».

«O Gaiato», pequenino como é — e lhe compete ser! — tem sido um instrumento privilegiado na «promoção desta unidade, desta fraternidade, deste respeito compreensivo, deste diálogo aberto desta colaboração confiante num mundo onde os problemas se tornam rapidamente universais».

Pois que significam os ecos prontos e perseverantes de que somos testemunhas, de que somos alvo imediato, sempre que aqui se apresentam as dores, as injustiças, as angústias que sofrem tantos irmãos nos-

Cont. na SEGUNDA página



Este Pequenino, d'alma grande — ressuscitado das montureiras — reflecte bem a responsabilidade que «O Gaiato» representa para a Obra e todos os obreiros na medida da sua penetração extra-muros.

## TRIBUNA de Coimbra

Terminou a nossa romaria de festas por terras do Centro. Fechou com chave d'ouro no Teatro Avenida de Coimbra. O Avenida encheu outra vez. Agora ainda mais escaldante que na primeira festa. Nós voltámos e muitos amigos também; e iriam terceira vez, se fosse possível. **Vocês cada vez têm mais graça!**

Também nós acreditamos que temos cada vez mais graça. Esta graça é fruto do nosso esforço e, sobretudo, do ambiente carinhoso em que nos recebem. Quando cada grupo entra no palco ao som de muitas palmas não pode deixar de actuar bem. Quando em cada assistente vimos o sorriso no rosto não podemos deixar de lhe comunicar também a nossa alegria. As nossas festas são isto mesmo.

Mas o espantoso para nós está nas terras onde fomos a primeira vez: Marinha Grande, Lagares da Beira e Arganil. Encontrámos a praça conquistada, como diz o nosso Júlio.

Na Marinha Grande tinham-nos prevenido de que o ambiente seria pouco expansivo. Que engano!... Esperavam pacientemente que chegássemos, pois a camioneta teve de ser substituída, e no fim ninguém queria arredar pé e muitos vieram ao palco abraçar-nos e

beijar-nos. Quase nos queriam obrigar a irmos segunda vez, para contentarmos todos aqueles que não puderam entrar. Foi tal o entusiasmo, que nos atrevemos a pedir louças de vidro e esperamos por elas.

Lagares da Beira apresentou seus pergaminhos de hospitaleira. Tudo facilidades. Todos de braços abertos. Só o salão foi pequeno. Ficou-nos na alma a delicadeza daquela menina que deixou queimar o bolo que nos queria oferecer e, desfeita em lágrimas, veio entregar um queijo que pedira à mãe. Impressionou-nos profundamente a atitude silenciosa em que todos se mantiveram na sala, durante o longo tempo em que faltou a luz e a valentia dos que remediaram a avaria. Estas provas marcam as nossas festas.

Arganil correspondeu muito bem à fama de fidalguia que tem por toda a parte: Povo que gosta de receber bem. Não só as cadeiras, mas também os corredores ficaram cheios. Que nunca mais deixássemos de voltar. Na véspera tinham vindo duas Senhoras a nossa Casa para que fôssemos lá jantar antes da festa, pois estava tudo preparado. A ceia que nos deram mais parecia um banquete. Ficámos presos.

Continua na QUARTA página

## Aqui LISBOA

É evidente que sem a cobrança de taxas e impostos é impossível ao Estado e às Autarquias locais fazerem face aos encargos com os diversos serviços e necessidades colectivas. Importa, porém, que a justiça seja observada e o bem comum seja defendido a todo o transe.

Vem este arazoado a propósito de dois casos recentes, passados connosco. O primeiro diz respeito ao facto do nosso Lar em Lisboa ser obrigado a pagar taxa de esgotos, como se fôssemos qualquer empresa particular ou um simples proprietário. No ano passado pagámos 304\$00 e este 728\$00! Fizemos uma exposição à Câmara de Lisboa e fomos informados «que não é legalmente

possível deixar de cobrar a taxa de conservação da rede geral de esgotos... por inexistência de diploma legal que tal permita».

A segunda concerne a uma taxa ou tributo de 300\$00 relativa a instalação de uma cabine para o vasilhame de gás que alimenta a nossa casa-mãe. Vamos pagar para não criarmos complicações, pois fomos informados «para se proceder à sua liquidação dentro do prazo de 30 dias, a contar desta data, sob pena de cobrança coercitiva!»

A Obra é uma instituição de utilidade pública, com estatutos aprovados no «Diário do Governo». Pensamos que os 800 Rapazes e os 100 doentes que tem dentro das suas Casas, para lá das actividades do Património e outras, lhe outorgam o direito de todos a reconhecerem ao serviço da Nação, isto é, do bem comum. Mas, «dura lex sed lex», não havendo diplomas legais que a isentem, que remédio senão estendermos

Continua na QUARTA página

## Visado pela Comissão de Censura

Não damos notícias, praticamente, há dois meses! E seria contraproducente adiar a publicação dos principais tópicos desta marcha que, no silêncio, religiosamente, vai incendiando muitas almas, muitos corações.

Fixemos o primeiro archote. É de Avô:

«A assinante 7701 pede para mandarem o nosso jornal tão querido para... É mais uma assinante que consegui agora, mas espero arranjar mais, pois «O Gaiato» só faz bem a quem o lê. Nesta altura em que o

# CAMPAÑA DE ASSINATURAS

mundo é tão egoísta, precisamos mais do que nunca de quem nos lembre a miséria de muitos dos nossos irmãos...»

Assina «Uma das assinantes muito antigas». Por isso, vai à frente — como sinaleira. E

coadjuvada por outras Mulheres fortes. Tantas! E tantos Homens, também! Quando acabamos de respigar o enorme monte de correspondência recebida, fumegámos; pelo entusiasmo sem limites dos numerosíssimos participantes. Só temos medo de sacrificar o mínguido espaço do «Famoso» — tocados pela devoção, ia a dizer, e muito bem, pela doação de todos e cada um dos nossos leitores.

Esta, porém, de se lhe tirar o chapéu:

«Leitora há muitíssimos anos do nosso querido «Famoso», é o único que quando o lemos e pensamos no que ele diz, sabemos estar a rezar numa maneira diferente. Esperava sempre conseguir assiná-lo, mas nunca a ocasião era boa. Hoje deixei de esperar pela ocasião e enviar todo o dinheiro que tenho neste momento e pedir-vos que me mandeis inscrever como assinante de «O Gaiato».

Sou dona de casa, mãe de cinco filhos e com um marido formidável. Admiro muito os padres da rua pois passam pelos mesmos trabalhos e aflições que todos os pais, quando vivem para os filhos. Sentem também as mesmas alegrias com aquelas pequeninas provas de amor que os filhos nos dão, únicos para nos encorajar a continuar a viver e a lutar para eles e por eles...»

Continuemos. Passa Arcozelo

(Praia da Granja), Póvoa de Varzim, Vila Flor e Santo António dos Cavaleiros, que acentua: «É bem verdade que «querer é poder». Comecei sem grandes esperanças e em pouco tempo já consegui arranjar 9 assinantes...». Mais Paço d'Arcos, Cacém, Matosinhos e Baixa da Banheira com uma nota do pároco: «Foram os próprios que se inscreveram como assinantes; se houver qualquer dificuldade diz-me, pois eu por-me-ei em contacto com eles...». E mais um ror de gente nova de Santarém — enamorada pelo «Famoso». E, finalmente, muitas presenças de Almada!

## ● ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

De Angola: Luanda, Benguela, Vila Matala, Cubal, Cacus, Catumbeia e Cazombo. De Moçambique: um grupo de lourenço-marquinos, outro de Nam-pula. Que é feito da Beira?!

De vários países onde labutam braços portugueses, temos notícias saborosas: New Jersey — USA, Provincetown, Woonsocket, Pretória — África do Sul, Vanderbiyl Park, Lyon — França e Nações Unidas — Nova York. Por onde a gente anda!

Júlio Mendes

# Calvário

Ao saber-se da falta de pessoas para cuidar dos nossos doentes, têm aparecido inúmeras sugestões e conselhos muito amigos: procure uma congregação religiosa; recrute técnicos competentes; convide pessoas da vizinhança e remunerem-as bem que aceitarão o trabalho.

Com a visão, porém, que a fé me dá — seres abandonados pelo mundo, mas a quem Deus muito ama e quer; Cristo presente nos inválidos que sofrem, — não posso concordar que eles sejam tratados, ainda que muito bem, por dinheiro algum! Pergunto mesmo a mim próprio muitas vezes:

— Quem de nós merece acarinhar a presença tão flagrante do Senhor que se esconde nos mais diminuídos? A fé é assunto muito sério na vida cristã! Orde-nei-me somente para dar testemunho de Deus no mundo e para O servir nos Pobres, em quem deseja que O vejamos e nos vejamos. Não quero pois traír o sacerdócio e seguir as pisadas tentadoras da sociedade civil. Quero continuar, pobremente, a amar e a procurar fazer amar os outros até ao mais fundo de nós mesmos. Considero estes doentes que aqui tenho algo sagrado demais para ser tratado por assalariados.

O mundo não pensa assim. E eu quero pensar unicamente à luz do Evangelho. Farei menos. Não farei nada talvez. Importa viver inquieto. Quem deseja ver aqui uma Obra grande onde caiba muita miséria humana, aquela que os preocupa, não raras vezes, pretende empontar a responsabilidade que também tem de amparar o próximo. Terei eu porventura mais responsabilidade de amar os outros do que os cristãos que aqui comparecem para lhes receber seus doentes? Neste ano que cor-

re, os pedidos rondam as duas centenas. Eu sei que são aflições. Mas gosto tanto de ver os cristãos aflitos e inquietos! Assim é que está certo. Alguns saem daqui com mais vontade de encarar a sério a situação de que desejavam ver-se libertos. A inquietação é o trunfo do cristão. Não o deixa estagnar.

Eu sei que são aflições bem concretas que trazem no peito os que aqui comparecem. Ontem chega um casal.

— Escute a situação da nossa Pobre. Vive num aido sózinha, com um suíno, umas ovelhas e alguns coelhos. Agora que caiu de cama é que reparamos no seu viver. Já está escariada e sem fala. Não temos coragem de a manter ali. Deite-nos a mão que a gente não a abandona e vem aqui tratá-la.

Fiquei contente. A doente vem amanhã. E as vicentinas vão passar a vir amanhã e depois e sempre que seja preciso. Gostei tanto de ver que elas não desejam demitir-se da obrigação que têm de olhar por uma irmã mais pobre. E só assim é que as coisas estão certas. De outra forma brincamos aos cristãos.

Temos aqui vinte e três camas vazias. Quem me dera tê-las todas preenchidas. Sofro com isso, porque sei de tantos que deviam estar nelas e não estão. Sucede que os doentes capazes já não podem dar mais. E voluntários ou voluntárias não surgem. Às vezes convenço-me de que a Igreja desertou ou despistou-se da sua missão. Tão preocupada anda com salvar só as almas, esqueceu-se de que Cristo lhe impôs a missão de salvar as pessoas tais como elas são, como vivem, como se encontram.

Ouvi falar da abertura dum curso de formação para zeladoras de altares, Estremeci. Pareceu-me ouvir um insulto. Cada cama aqui no Calvário é um altar onde Cristo está vivo. E não temos zeladoras!

Padre Baptista

## ● PORTO E LISBOA

Os nossos olhos riem e o nosso coração exulta de alegria por duas listas pesadas, de Lisboa, também com gente dos arredores, despachadas por intermédio do nosso Padre Luís. E por muitas outras presenças da vasta área urbana lisboeta, fruto de apaixonados pela causa do «Famoso»; como este:

«Aqui vos envio alguns novos assinantes... Três amigos com quem reuno todas as semanas e que, com alguma mágoa, verifiquei não conhecerem a Obra de Pai Américo. Junto ao grupinho minha Mãe, grande admiradora da Obra mas ainda não assinante. Resolvi oferecer-lhes a primeira assinatura e assumir a responsabilidade moral dos futuros pagamentos... Que Cristo vos dê uma Páscoa contínua e que por Sua infinita misericórdia faça beneficiários dessa Páscoa todos os homens...»

Trabalha-se assim, em Lisboa!

Chegou do Porto, também, uma pequena multidão. Com os mesmos sentimentos da capital. Bastaria aquela lista de 50 novos leitores, entregue ao «Eusébio», numa Companhia de Seguros. Tudo gente que já se desobrigou! Que assumiu um compromisso livremente. E conscientemente. «O Gaiato é obra de vivos e tem Vida» — na voz autorizada de Pai Américo. Por isso, estes assinantes é que interessam. São de «O Gaiato» — porque o vivem e o amam. Evidentemente que os tripeiros não ficaram só por aqui. Recebemos outros novos assinantes da Ribeira ao Ameal, da Foz a Campanhã. É o Porto. E está tudo dito.

## ● DE NORTE A SUL DO PAÍS

O que para aqui vai, meu Deus! Toca a resumir...: Coimbra, um ror de gente. Gaia, idem. Mais Alcobaça, Casal das Donas, Vila do Conde, Portalegre, Óbidos, Mora, Parada de Todeia e Cête, Caramulo, Mação, Fajões (Vouga), Gouveia, Ovar, Vilar do Paraíso, Marinha Grande, Pampilhosa, Rio Tinto, Cascais, Fátima, Pesequeiro do Vouga, Esmoriz, S. João da Madeira, Amadora, Beja, Belazaima do Chão (Aguada de Cima), Pedrouços (Areira), Vilar Formoso (uma data de vezes!), Belas, Trofa e Estarreja.

Façamos uma pausa. Vem lá Braga, com algumas presenças.

# O NOSSO JORNAL

Cont. da PRIMEIRA página

os? E propositadamente escrevi acima ao citar a palavra do Papa, mais «na vida quotidiana do que «nos momentos excepcionais», para acentuar o carácter habitual de uma mentalidade que se vai construindo a partir do concreto da vida, dos sofrimentos incarnados que, se perturbam a nossa sensibilidade, não menos marcam a nossa inteligência e despertam a nossa vontade para a grande empresa da unidade, da fraternidade, do espírito mútuo, do diálogo aberto, da colaboração confiante, que há-de tornar os homens irmãos uns dos outros e reuni-los numa única e autêntica família humana.

Claro que a unidade só poderá realizar-se na verdade; não na conveniência de interesses feitos, na imperturbável instalação de muitos maus costumes.

Por isso, afirma o Papa: «Seria ilusão grave menosprezar a força das tensões trágicas entre meios sociais, entre sociedades e pessoas, entre países industrialmente progressivos e países do Terceiro Mundo, entre adeptos de sistemas ideológicos ou políticos antagonistas». Como seria malévolo e contraproducente, silenciar «as realizações positivas, os sinais de renovação e as razões de esperança». Ambas as atitudes tenderiam a «agravar (...) as tensões, as oposições e as divisões — continua Paulo VI — chegando ao ponto de desencorajar muitos homens de boa vontade nas suas tentativas, cer-

tamente imperfeitas, mas generosas, de união e de fraternidade».

Que diria disto o homem que, nos primeiros passos de «O Gaiato», anunciou a Pai Américo que «aquilo que se não pode remediar, nisso também se não pode falar»? Pois o «Revolucionário», o «Desordeiro» (como tão carinhosamente alguns chamaram ao nosso jornal) falou, denunciou, tem contribuído para uma consciência mais generalizada dos problemas dos outros, «ajudando os homens a conhecerem-se melhor e a ajudarem-se mais, (...) e a sentirem, para além de tantos obstáculos, a verdadeira solidariedade que nos põe todos, uns com os outros e uns para os outros, à procura do bem-comum da grande comunidade dos homens».

E o Papa acrescenta ainda uma palavra que bem podemos comprovar vivencialmente: «Se a comunicação, só por si, ainda não é uma comunhão, pode ser o caminho privilegiado para se chegar a ela».

Profunda é a Paz que nos oferece o reconhecimento humilde da sintonia do nosso jornal com o pensamento e o coração da Igreja acerca dos meios de comunicação social!

Pois que a Luz e a Força de Deus nos assistam, para que «utilizemos ousadamente, com discernimento e coragem, todos os meios» que, «de tantos fios entrelaçados e muitas vezes enleados», nos permitam ir «tecendo um mundo de irmãos e filhos de Deus».



Por muito pouca habilidade natural que tenhamos para observar e dar à luz notícias destas «pequenas coisas» que acontecem no nosso pequeno mundo — e que são, afinal, o que de mais espontâneo e puro caracteriza a nossa vida — não podemos escapar-nos à tentativa de o fazer.

Senão, vejamos o que a propósito do «Isto é a Casa do Gaiato» ora saído, nos escreve um leitor.

**«Gosto muito de ler o vosso jornal, mas... tenho a impressão que se contassem nele os pequenos-grandes acontecimentos do dia a dia na vossa Casa, tal como no tempo do Padre Américo, o jornal atrairia muitos mais leitores.»**

**Aqui fica a sugestão... e se concordarem com ela, verão que os «casos» encherão o vosso jornal e assim todos melhor poderemos participar das vossas alegrias ou tristezas.»**

E vozes semelhantes são muitas! Deitemo-nos, pois, à tarefa!

x x x

Foi a Queima das Fitas/71. Algo contradictada, mas foi. E o Dia de Beneficência foi mesmo, com a tradicional comparação dos nossos rapazes.

Este dia é tão suspirado cá em Casa, que, se não fôra, havia que o inventar. Movem-se influências. Metem-se pedidos. Imaginam-se os grupos representativos. E, quando chega a hora de revelar os que vão, é a explosão da alegria dos seleccionados e a dor dos que ficam.

Amândio foi um destes. Mas, vencido o impacto, como agora se diz, aí vem ele tentar a sua sorte.

«Olhe que eu agora já não sou pedinchão» — diz-me ele a creditar-se.

Pois fiz um acto de fé no Amândio — e foi mesmo.

Oh! com que alegria voltou

a pedir-me o recadinho escrito prá rouparia, afim de lhe prepararem a fatiota da circunstância!

x x x

Cheguei ao Lar e vi uma escultura futurista feita da liga metálica das máquinas de computador. O meu subconsciente achou-a bela; mas o consciente, de tão ocupado e preocupado, nem deu fé.

Volto a Paço de Sousa. E em hora de espírito mais livre, começo a notar aqui e ali esculturas do mesmo estilo, feitas do mesmo material.

Foi então que recordei e estabeleci a relação: — Quem seria o escultor? Pensei no ex-«Cebola», artista já consagrado... Pois não era, A nova revelação é o «Carioca»!

O que eu queria saber é o que andam a fazer o senhor Júlio e senhor Bernardino, que nem dão conta destas subtracções de chumbo e depois me fritam os miolos por mais stock do respectivo para a «larga e rentável utilização das potencialidades da nossa Tipografia».

x x x

Há muito que estava para vir. E ele mesmo escreveu a apresentar-se, má-lo seu drama.

Filho de mãe incógnita (assim reza a cédula), a verdade é que o pai (ilegítimo) foi o primeiro a desaparecer para França. A mãe também andava por lá e deixava-o, mais a duas pequenitas, dias e dias à caridade do Povo.

Veio agora. Vai fazer, não tarda, 14 anos, mas ninguém lhos dá — que a fome de pão e de carinho, longamente sofrida, atrazou-o aos olhos de todos nós. Mas ele não parece atrazado.

Veio render um conterrâneo, na hora que este escolheu para partir. Venha por bem, venha para bem... o «Boticas».

No rodar dos dias vão chegando ajudas, com que Deus nos brinda e faz por vezes cair de joelhos por ver a Sua palavra cumprida fielmente. Homens de pouca fé ou que se julgam sem nenhuma, são instrumento de Deus nos cumprimentos das promessas do Evangelho. Não só eles porém, porque a grande maioria fá-lo mesmo em consequência da sua fé e amor a Deus. Não podemos extremar campos pois nem Ele o faz e só Ele sabe o crédito que cada um alcança no Seu reino. E por isso aqui vai tudo sem nome nem ordem.

Do sr. do costume para cimento 2.000\$ e num baptizado mais 500\$. Roupas e calçado de vários lados. Das irmãs de Vila Luíza 2.000\$. 250\$ de D. O. A. Das irmãs Marques creio que 300\$ e quase outro tanto do Pessoal do I. I. V. Um fogão da rua A. Albuquerque. Mais de três Marias não sei quanto. Um cheque de dez mil outra vez da Afonso de Albuquerque. Duzentos e cinquenta da P. Patrícia. Um tacho de carne preparadinho para a ceia. Mil mais cem. Outra vez 300\$. Dos Alunos do Externato Marques Agostinho 3.200\$. Mais 25\$ na Farmácia Normal. Para uma telha da casa-mãe 300\$. Quem me dêra vê-la no telhado! Uma promessa que só Deus sabe quem na fez, com 1.500\$ do aumento de ordena-

## LOURENÇO MARQUES

dos deste ano. Cento e dez de cotas de empregados do BNU. De um peditério da LEC da Catedral mil. Da avó que tem o neto na tropa mais vinte. Na Igreja da Munhuana cem. Na Catedral quatro vezes o mesmo mais 195\$ habituais do pessoal da Permar, mais 50\$, mais 500\$ e 200\$ pela felicidade de uma filha que se casou. Ainda 475\$ e «sempre que puder mandarei mais». Outra vez duzentos. Do prédio Cardoso fruta em calda várias vezes.

Do Rotary de L. Marques 15.000\$ e outro tanto do sorteio de um piano oferecido para o efeito por um nosso amigo. Na Farmácia 300\$ todos os meses de um sr. engenheiro. Casa Bernina 50\$. Fasol 1500\$. Entreposto 500\$. No Notícias 800\$. Como participação para o edifício das nossas oficinas 30.000\$ da Fundação Dicca. Três bolas de basquet da Associação do Pessoal do BNU. Farinha e massa na CIM. Uma caixa de peixe do Esperança II. Dum estudante de agronomia, 400\$. Mais um depósito de 300\$ de contribuições

mensais. De Cruz da Beira três vezes 150\$ para «o meu pobre» e igual para a Casa do meu Pai; idem cem para nós mais quinhentos por uma sobrinha ter terminado o curso de medicina. Quase na mesma altura uma médica da nossa Universidade com 1500\$ do primeiro ordenado. Uma máquina de escrever religiosamente entregue em memória do Pai de quem no-la trouxe. Mãe e tia de uma estudante com cem. Mais quinhentos de uma visita, de dois Rapazes 50\$ mais 50\$. De uma visitante muito discreta 3.000\$ e mil para Missas por um filho que está no norte.

Da visita da equipa de Casais de N. Senhora LM 10 1335\$00. Cem de alunas da Escola Rainha Santa e bolas para uma grande merenda dos nossos. Mais trezentos de uma promessa e dez quilos semanais de bom peixe de Lopes & Baptista.

Confiamos a Deus o nosso agradecimento.

Padre José Maria

Como tinha prometido, nas últimas notícias que mandei para o «Famoso», aqui estou a dizer as terras para onde foram os nossos trabalhos. Além dos que foram para Lisboa, indicados no número anterior, temos Castelo Branco, 4 pares de soquetes para dormir. Covas do Douro, 1 chale. Monte Real, 1 chale. Para uma professora de Paço de Sousa, 1 chale. Salvaterra, 3 capas para senhora e um chale. Alijó, 3 chales. Régua, dois pares de soquetes. Valbom, 3 dúzias de camisolas



para criança. Trás-os-Montes 3 chales. Ilhavo, 2 chales. Coimbra, 1 manta de viagem: «são tão bonitas e fazem tanto jeito!». Quem nos pede mais? Custam apenas 140\$, são quadradas e medem quase dois metros. Alcobça, 2 cobertores e 1 camisola para senhora. Manteigás, 3 chales. Porto, 2 tapetes: «minha mulher não contava com este presente e ficou muito contente». Valado de Frades, uma grande encomenda, composta de vários trabalhos. Besteiros, um cobertor. Portalegre, 6 chales pequenos, encomenda de todos os anos, de uma professora, por ocasião do Natal. Adorigo, 1 chale. V. N. de Gaia, passadeiras. Bombarral, 1 cobertor. Covilhã, 16 chales. Alfândega da Fé, 2 chales. Porto, 1 chale. S. João da Pesqueira, 1 manta de viagem. Porto, uma colcha em lã e algodão. Gavião, 1 chale. Olhão, uma manta de viagem e um chale. Gondomar, 2 colchas em lã e algodão. Castelo Branco, 3 capas para senhora e soquetes. Vila de Rei, uma manta. Vila Chã, manta e passadeiras. S. José das Matas, dois chales. Mesão Frio, 1 chale. Setúbal, 1

colcha em lã e algodão. Castelo de Paiva, soquetes e pegas. Foz do Douro, passadeiras. Aveiro, uma colcha em lã e algodão. Matosinhos, uma manta de viagem. Porto, 12 camisolas. Beira Baixa, chales e capas. Penela, 1 chale. Madalena, uma manta de tiras. Porto, mais chales e 4 colchas em lã e algodão. Adorigo, um chale: «fiquei muito contente com ele, é bonito e bem feito». Amora, 1 chale. Por intermédio de uma Senhora, do Porto, foram para Inglaterra, 600 pouchos. Da Sr.ª D. Isabel M. Pinto Lopes, do Barreiro, recebi uma encomenda de roupas. Escrevi-lhe directamente a agradecer, mas o postal, veio para trás, dizendo que era desconhecida!

Se leram com atenção, verificaram que há ainda muitos que lêem o jornal, e ainda não descobriram onde fica Ordins, e esta Casa para os servir. Temos 2 colchas para cama-divã, custam 130\$00; outra em crochê de lã para cama de casal, por 600\$00.

A todos muito obrigado.

Maria Augusta

## Lar Operário em Lamego

Ainda não está curada a ferida que nos causou a notícia da viúva sem abrigo, e já hoje mais duas nos magoam o peito.

Para os lados de Resende vivia uma família pobre, mas com o pão de cada dia. O pai, trabalhador e económico, conseguia alimentar a esposa e cinco filhos e sonhava ainda construir uma casa que fosse sua. Falou a pessoas amigas e com ajudas deste e daquele e ainda com o crédito da sua honestidade, levantou as paredes e colocou o telhado e meteu-se lá dentro. Para a conclusão das obras, ficou-lhe uma dívida à volta dos 30 contos que tencionava pagar aos poucos. Tudo corria bem quando há dias vendo familiares seus envolvidos em desordem, que-

rendo apaziguar uns e outros, meteu-se na contenda com tanta infelicidade que uma pancada na cabeça o vitimou. Agora todos perguntam como vai ser com os filhos orfãos e com a esposa de trinta e poucos anos a sofrer desesperada a morte do marido e a dívida da casa. Já começou uma corrente de solidariedade que está muito longe de resolver as dificuldades, mas é alívio no meio de tanta dor.

O outro caso, menos aflitivo e mais fácil de solucionar, é duma rapariga com vinte e oito anos que tem passado a juventude nos hospitais. Depois de várias operações a ver se era possível corrigir os pés muito defeituosos chegou à conclusão que para não ser pesada a ninguém precisava duma máquina

de costura. Com as lágrimas nos olhos e a doença a minar-lhe os ossos dizia que uma máquina mesmo usada servia para lhe dar pão. Nunca nos tínhamos visto, mas a confiança com que me falava, obrigou-me a despedi-la com a promessa de que o seu pedido seria atendido, sem saber como conseguiria a máquina ou o dinheiro para a comprar.

Não faço comentários nem peço aos leitores para me ajudarem. Peço sim para cada um se colocar nestas situações e viver o problema como seu.

E por hoje não dou outras notícias a fim de não desviar a atenção de assuntos tão graves e tão importantes.

Padre Duarte

Colabore na CAMPANHA de ASSINATURAS



# PELAS CASAS DO GAIATO

## BENGUELA

Eu era vendedor do jornal «O Gaiato», mas agora já não sou. E não sou pelo seguinte: Todos aqueles que são vendedores do «Famoso», quando fazem 17 anos, deixam a tarefa para dar a vez a outros mais novos. E é esse o meu caso. Fiz 17 anos, deixei de vender o nosso «Famoso».

Todos os sábados e domingos, eu ia bater à porta de várias pessoas para lhes vender «O Gaiato» e recebiam-me com muito carinho. Para todos os leitores de Benguela, Lobito, Catumbela e Baía Farta, vai um abraço do amigo que nunca vos esquece.

**Obras** — Está já nos últimos acabamentos a primeira casa de habitação e a segunda está a ser levantada. Já está na parte de cima. Mas ainda falta o material para acabar. Para isso precisamos da vossa ajuda. Nós contamos com todos para nos ajudar a acabar a nossa grande Aldeia. E bem precisamos dela!

## Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

De toda a parte viemos cheinhos de mimos. Continuamos a ter sobremesa de doce e no escritório tenho um mundo de saquinhos de rebuçados que hão-de festejar o aniversário de cada um. A nossa sala de costura ficou mais cheia com os embrulhos que nos entregaram.

As nossas festas são, em primeiro lugar, um encontro familiar. São também uma procura do pão. Uma procura sacrificada, pois vinte noites perdidas num mês representam um esforço duro. É um pão saboroso. O ano passado, dos mil cento e sete contos que gastámos, duzentos e quinze deles foram fruto das festas. Este ano será melhor, assim o cremos. Na Covilhã e em Anadia também o Património dos Pobres beneficiou.

Pelos pedidos que todos os dias nos vão chegando, estamos a ver que em Setembro temos de recomeçar nova romaria por outras terras.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

**Futebol** — Estão a decorrer, aqui na nossa cidade, os jogos corporativos de futebol de salão, de que a nossa equipa também faz parte. Todas as terças e sextas-feiras, têm sido dias de grande entusiasmo para nós e para os nossos adeptos, principalmente quando a nossa equipa joga. Já começou a segunda volta e os Gaiatos no comando da classificação. Oxalá vá assim até ao fim. Nós esperamos que sim. Pelo menos os nossos jogadores mostram-se capazes de o conseguir

José Luís Pinheiro

## Paço de Sousa

**Beleza** — Durante estes dias, tenho apreciado com frequência, algo que me tem deixado bastante satisfeito.

Depois do almoço, costumo ir para o meu quarto, ler ou escrever. De lá avisto os galinheiros e a sala de recreio dos mais velhos. Pois os nossos amigos, que tratam da bicharada dos galinheiros, resolveram e muito bem, fazer uns canteiros junto da nossa sala. Luís, mais os seus colegas, lá andam cuidando daquele recanto com muito brio; basta ver que o fizeram em horas de recreio!

Embora pequenos, dá gosto ver neles, já despontado o gosto e brio por coisas que tornam nobre o carácter de um rapaz.

**Futebol** — Têm sido muitos os jogos efectuados, mais os que esperamos a sua concretização.

Recebemos um equipamento do Sporting Club de Coimbrões, por intermédio do Sr. António Correia. Agradecemos à simpática colec-

tividade desportiva de Gaia, a oferta e simpatia manifestada pela sua oferta.

Esperamos a visita de mais alguns amigos, assim como as suas ofertas a favor do nosso Clube.

**Visitas** — Apesar do mau tempo, Maio foi um mês com a nossa Aldeia muito concorrida.

É pena que os visitantes nos coloquem num plano secundário!

Raramente deparamos com os que se debruçam, a sério, sobre o perfeito conhecimento da Obra — que deveria ser o primeiro e principal motivo da visita — em vez de virem passar tempo ou fazer recreio, porque temos uma Aldeia recheada de beleza natural. Quem nos visita, e ama, deve sentir gosto em conhecer e saber as causas que motivam esse amor. Dialoguem com os rapazes; conheçam-nos!

Jorge Manuel

## TOJAL

**Obras** — As nossas futuras oficinas vão andando pouco a pouco, visto termos a maior parte dos nossos rapazes ocupados nas aulas. Nos pequenos bocados que se encontram livres vamos aproveitando o tempo o melhor que podemos para o andamento da Obra.

Todos nós estamos ansiosamente esperando a transferência para lá. Talvez tenhamos que interromper ainda o andamento das oficinas para podermos encher os caboucos da casa que vos falei, para mais 50 rapazes; em todo o caso isto se fará em pouco tempo. E assim poderemos seguir com as oficinas.

**Praias** — Os dias vão-se passando sem darmos por isso e brevemente teremos as férias que todos os anos, graças a Deus, temos tido e que de certo nenhum de nós as rejeita. Falo deste caso um pouco mais cedo, porque temos falta de fatos de banho e queríamos pedir aos nossos amigos que possuam e não tenham necessidade deles, os enviem para aqui, porque fazemos-nos grande jeito.

**Festas** — Segundo o que nos parece tudo correu às mil maravilhas. Nós não podemos fazer como os artistas profissionais, porque não o somos; apenas tentamos fazer o melhor que podemos para

vos agradar, pois é esse o nosso maior desejo. Estamos também extremamente reconhecidos pela vossa colaboração na festa deste ano, não só com a vossa presença mas também com os aplausos, que ao mesmo tempo nos entusiasmaram.

**Sapatos** — Queríamos pedi-los a todos os nossos amigos que tenham calçado de rapazes entre os 7 e os 12 anos e que já não se sirvam deles. Podem enviá-los para o Tojal ou para o Lar, porque temos tido grandes dificuldades em arranjar sapatos dessas medidas para os nossos rapazes.

Xavier



## Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

a mão à caridade pública para pagarmos o que nos debitam! O que nos entristece, ao fim e ao cabo, é o facto da nossa ainda que modesta acção não ter em contrapartida o estímulo e o apoio que seriam de esperar por parte das próprias leis. Mas como estas são feitas pelos Homens, daqui lhes requeremos confiadamente que as aqueçam com o influxo das suas almas, tornando-as razoáveis e humanas. Neste posto de combate vamos lutando, em contrapartida e apesar de tudo, para que o Mundo seja mais justo e feliz.

X X X

As secas prolongadas e periódicas de Cabo Verde, com as suas nefastas consequências, de há muito as conhecemos. Nesta altura dolorosa que

atravessa aquela Província, alguém nos bateu à porta. Não fomos capazes de dizer não e o resultado foi este: estão entre nós três amáveis Rapazinhos crioulos: Euclides, Carlos Alberto e Manuel, de 4, 5 e 9 anos, respectivamente. Para lá das motivações espirituais que justificam o nosso proceder, parece-nos evidente termos agido mais uma vez a bem da Nação!

X X X

Como a maioria dos leitores sabe, fomos vítimas, no mês passado, dum roubo, após os peditórios efectuados numa das igrejas de Lisboa. Não referiríamos o facto aqui se não nos sentíssemos obrigados a agradecer as provas de carinho e de solidariedade recebidas dos mais diversos pontos do País. Bem hajam todos.

Padre Luís

## RESPOSTAS AO POSTAL-CIRCULAR

Praticamente não vem dia ao mundo sem pedidos de «Isto é a Casa do Gaiato» — e de outras obras da nossa Editorial — por intermédio do postal-circular (de cor creme) expedido oportunamente no interior do «Famoso». E ainda nem todos se dispuseram a utilizá-lo... É pena! No entanto, a preciosa obra de Pai Américo continua com estupenda saída, tanto para a metrópole como para o ultramar; cujas presenças se acentuam — e vamos servindo por via marítima. A propósito: os nossos padres d'África, assediados pelo interesse dos nossos amigos, esperam ansiosamente uma remessa para satisfazerem toda a gente que se lhes dirige pessoalmente. Os embrulhos estão prontos. O portador não tarda. E todos ficarão saciados!

## NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pelo «Recorte» — utilíssima organização que, delicadamente, nos serve de longa data — vamos recebendo notas publicadas na grande e pequena Imprensa,

# «ISTO É A CASA DO GAIATO»

sobre o «Isto é a Casa do Gaiato». Mais da pequena que da grande, manda a verdade. Permanecendo o habitual silêncio de quase todas as páginas especializadas — com o qual Pai Américo muito gozava, e nos gozava...! Oportunamente, como é da praxe, seguiram os volumes para as mãos dos críticos. Aguardemos.

A Rádio acusou recepção. E que bem! Tanto a oficial como a particular. Não nos consta, porém, ao menos um breve registo bibliográfico, no adequado programa da Televisão.

## A VOZ DO LEITOR

Falta-nos coragem para a compulsar, de novo, a volumosa correspondência motivada pelo «Isto é a Casa do Gaiato». Tão escaldante, tão rica, tão numerosa — daria duas ou três edições do «Famoso»! Respiemos só duas presenças salutaras.

Aí temos um membro do Episcopado — velho amigo da Obra da Rua:

«Pelo correio de há dias chegou-me às mãos um livrinho do Pai Américo com o título expressivo: Isto é a Casa do Gaiato.

Muitos dos textos agora reproduzidos já eu os conhecia das páginas de «O Gaiato», quando o Pai Américo ainda era vivo. Mas foi bem recolhê-los em volume. São pequenas joias literárias que revelam o grande coração que as ditou e a pena do grande artista que as escreveu. Que pena os homens da R. T. P. e da Verbo não se terem lembrado ainda de oferecer ao público português, na colecção que estão lançando no mercado com tanto sucesso (segundo se diz), um volume com uma antologia semelhante a esta, da autoria do Pai Américo!...»

E como o «Famoso», desde o primeiro número — pela pena carismada de Pai Américo — abriu clareiras para um verdadeiro ecumenismo, saboreemos agora um oportuno de-

poimento de uma nossa irmã na fé em Deus-Pai:

«Envio 40\$00, por não poder enviar mais alguma coisa, pelo belo livro que se chama «Isto é a Casa do Gaiato». Gosto muito dele. Mas peço o favor de não mandar mais livrinhos, pois já tenho 75 anos de idade e não tenho a quem possa deixá-los. É para mim uma preocupação perder-se uma coisa tão bela, como estes livros.

Mas há uma Senhora que também compra o jornal «O Gaiato» — que deseja um volume do Padre Américo, mas não escolhe qualquer obra.

Os meus respeitosos cumprimentos para os srs. padres como para os dirigentes da Obra. Eu não sou Católica, mas sim Evangélica Baptista. Mas o nosso Deus é o mesmo. E muito rogo a Deus por tudo... Que bom Deus seja com todos.»

Júlio Mendes